

O BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO DE VANCOUVER (2010): UM PALCO DE DRAMATIZAÇÕES SOCIAIS

Doiara Silva dos Santos

University of Western Ontario, London, Canadá

Otavio Guimarães Tavares da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Resumo

A interconexão entre o esporte e os meios de comunicação é parte constitutiva do interesse geral do presente estudo cujo objetivo é analisar as narrativas sobre a participação brasileira no contexto de um megaevento esportivo: os Jogos Olímpicos de Inverno (JOI) de Vancouver 2010. A questão desta investigação perpassa: as estratégias enunciativas da mídia impressa; o discurso de atletas brasileiros; e as atitudes e reações do público presente no evento. Constatou-se que os Jogos Olímpicos se constituem como um palco de dramatizações no qual se engendram jogos de identidade e oscilações estruturais de identificações (indivíduo, nação e humanidade).

Palavras-chave: Etnografia. Comunicação. Atletas.

Introdução¹

A interconexão entre o esporte e os meios de comunicação é parte constitutiva do interesse geral do presente estudo no objetivo de analisar as narrativas da identidade brasileira no contexto de um megaevento esportivo: os Jogos Olímpicos de Inverno (JOI)².

O esporte assume significados específicos em diferentes contextos e produz, assim, opiniões, atitudes e motivações também diferentes. Nesse sentido, os JOI – “um mundo estranho para os brasileiros” (TA-

1-As citações bibliográficas estrangeiras apresentadas neste trabalho foram traduzidas para o português pelos autores.

2-De acordo com Tavares (2011), megaeventos esportivos são competições internacionais que reúnem um número de atletas que atinge a casa dos milhares em um espaço de tempo de um mês, com potencial de impacto em diferentes setores da sociedade e que possui significativa carga simbólica, além de atrair atenção midiática internacional. Nesse sentido, identificamos os JOI como um megaevento esportivo.

VARES; SOARES; BARTHOLO, 2007a, 2007b) – potencializam a discussão sobre as narrativas do nacional que abrangem a complexidade formativa e as formas de sociabilidade que marcam a identidade brasileira.

De maneira específica, esta pesquisa dá continuidade ao trabalho desenvolvido por Tavares, Soares e Bartholo (2007a, 2007b) que analisaram a cobertura da participação brasileira, pela mídia impressa, nos Jogos Olímpicos de Inverno de Salt Lake City (2002) e Turim (2006), respectivamente. Tais estudos objetivaram analisar as diferentes narrativas de identificação construídas pela mídia impressa para narrar a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno relacionando esporte, mídia e identidade nacional.

Embora importantes, reconhece-se que as interpretações dos códigos textuais não são suficientes para alcançar as elaborações discursivas sobre a identidade construídas por outros atores sociais como, por exemplo, os atletas nos locais dos eventos, dirigentes esportivos, bem como as atitudes do público na produção de sentidos.

Diante disso, as questões que motivam este trabalho são: quais as características das narrativas do nacional elaboradas pela mídia impressa sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos de Inverno de Vancouver 2010? Como os atletas (representantes brasileiros), por sua vez, elaboram suas estratégias enunciativas (quem somos nós?) no que concerne à representação nacional nestes Jogos?

Nesse sentido, somam-se à análise da mídia impressa utilizada nos trabalhos acima mencionados, uma dimensão etnográfica que nos possibilitou acessar: (1) as narrativas de atletas brasileiros que participaram dos JOI 2010 sobre suas relações “com” e apresentações “da” mídia; (2) e as reações e atitudes do público presente nos locais de competição em relação à participação de brasileiros.

Foram delimitados os seguintes objetivos específicos para esta investigação: (1) identificar e discutir as estratégias enunciativas da mídia impressa para narrar a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2010; (2) analisar as narrativas de atletas brasileiros que participaram dos JOI 2010 e suas relações “com” a mídia; (3) descrever e discutir as reações e atitudes do público presente em relação à participação de atletas brasileiros nos JOI a partir do relato etnográfico.

A teoria do espetáculo e os jogos olímpicos

A teoria antropológica de MacAloon (1984) analisa os JO e suas configurações avaliando, sistematicamente, os “gêneros performativos” que dão forma e peculiaridade aos Jogos Olímpicos. Os gêneros identificados por MacAloon (1984) são: espetáculo, festival, ritual e jogo. Entendemos que a Teoria do Espectáculo é uma contribuição importante para a abordagem sócio-antropológica do fenômeno esportivo como um todo e dos JO, especificamente, nas sociedades contemporâneas.

MacAloon (1984) identifica os Jogos Olímpicos - e os eventos sob a organização do Movimento Olímpico em geral - como “performances culturais ramificadas”, de proporção global, que tem em seu constructo ideológico várias formas de ação simbólica. Nesse contexto, os gêneros performativos coexistem no “palco”³ dos Jogos Olímpicos, tornando tal evento distinto de outras competições esportivas.

Em suma, o gênero do espetáculo refere-se à noção de grandeza e exibição, de emoções difusas; o festival, por sua vez, refere-se à atmosfera eminentemente alegre do evento; o ritual (secular) refere-se aos elementos simbólicos (gestos, palavras, objetos) e solenes dentro dos cerimoniais; e o jogo refere-se às disputas esportivas em si, articuladas às significações simbólicas inerentes à noção de participação, vitória, fracasso, etc.

De acordo com a Teoria do Espectáculo, os Jogos Olímpicos incorporam três identidades estruturais: de indivíduo, de nação e de humanidade. Dessa forma, os gêneros performativos dos JO são compreendidos como formas de ação simbólica interligadas, mas, distintas, as quais atletas, espectadores e autoridades em geral percebem e/ou vivenciam diferentemente. É nessa perspectiva que essa análise situa as representações a partir das quais brasileiros que participaram dos JOI de Vancouver 2010 se posicionam e são posicionados como sujeitos em um evento de caráter global, propenso à ostentação das narrativas e símbolos nacionais, à celebração das diferenças.

3- MacAloon (1984) apropria-se da “metáfora teatral” que sugere que há na performance uma “encenação” de papéis sociais a partir de papéis teatrais. Ou seja, as performances culturais são momentos indissociáveis da vida cotidiana e, portanto, nelas certos elementos do dia-a-dia são dramatizados, enfatizados ou diminuídos (MacALOON, 1984; DaMATTA, 1997).

Identidade nacional e sociedade brasileira

A construção de identidades nacionais implica não somente a delimitação de fronteiras geopolíticas, mas, também, como propõe Oliven (1992, p. 20) “[...] na demarcação de fronteiras culturais, estabelecendo o que faz e o que não faz parte da nação.” A partir dessa perspectiva, a nação é um sistema de representação cultural, uma comunidade simbólica e não exclusivamente uma entidade política, ponto este que é convergente com outros teóricos, tais como Hall (2006) e Anderson (1983). Em outras palavras, as pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação, mas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional (ANDERSON, 1983).

A definição de identidades nacionais por Hall (2006) é convergente com a noção de comunidade simbólica. Hall (2006, p.87) contextualiza que embora a globalização tenha um efeito “pluralizante” sobre as sociedades contemporâneas tornando as identidades mais posicionais e multifacetadas, tal efeito é também contraditório, pois, algumas identidades gravitam ao redor da “tradição”, da homogeneização. O modelo teórico de Hall (2006) fundamenta a presente discussão sobre as representações da participação brasileira em um contexto global - os JOI - pautada nos discursos dos atletas entrevistados e da mídia.

Quanto às interpretações sobre a sociabilidade brasileira, a presente análise concentra-se na teorização de DaMatta (1986). O autor identifica um “dilema” que oscila entre o moderno e o tradicional, a “casa e a rua”, o “indivíduo e a pessoa”, sugerindo que o mundo social brasileiro opera, assim, em dois níveis: um que particulariza e outro que atua por meio de leis globais. Em suma, DaMatta (1986, 1997) situa a dinâmica do dilema brasileiro entre o mundo público das leis universais e o universo privado da família, dos compadres, parentes e amigos. Esse dilema ocorre de acordo com o conjunto de relações que os membros da sociedade brasileira possam recorrer ou demonstrar em situações específicas, relações estas situadas na tensão entre o moderno e o tradicional.

Procedimentos metodológicos

O levantamento das informações nesta pesquisa perpassou: (1) a seleção, arquivamento e análise das reportagens da mídia impressa; (2) e o trabalho de campo desenvolvido em Vancouver (Canadá) du-

rante os Jogos Olímpicos de Inverno (que se subdivide na observação direta do contexto e na realização de entrevistas guiadas com atletas brasileiros).

Foram utilizados como fontes de mídia dois impressos periódicos de ampla circulação nacional: O Globo (OG) e Folha de São Paulo (FSP). A cobertura de um dos principais jornais canadenses, o The Globe and Mail, de circulação nacional, também foi analisada fim de verificar a existência de possíveis narrativas sobre a participação brasileira nos JOI.

No total, 33 reportagens foram publicadas entre os meses de dezembro de 2009 e fevereiro de 2010: dezoito do jornal O Globo (OG) e quinze do jornal Folha de São Paulo (FSP). No jornal canadense The Globe and Mail (TGM) não foi encontrada nenhuma reportagem, nota ou matéria que mencionasse a participação dos brasileiros nos Jogos de Vancouver.

A perspectiva de análise desse estudo inclui a compreensão de que os processos de comunicação contribuem e funcionam como processos de diferenciação para o desenvolvimento de identidades individuais e de grupos, uma vez que são os veículos midiáticos os principais canais pelos quais a ostentação de símbolos e estratégias de identificação circulam.

Apoiando-nos nessa perspectiva, realizamos a análise destes processos de diferenciação a partir do exame de narrativas da identidade brasileira na mídia impressa diante de uma gramática esportiva estranha à nosso cotidiano. Assim, os Jogos Olímpicos de Inverno são compreendidos como um evento que reflete um contexto de alteridade radical para a cultura esportiva brasileira. Velho (1999, p. 129) apresenta o conceito de alteridade radical para explicar a ideia de analisar realidades “exóticas”, “estranhas” (no sentido de não familiares).

Nesse contexto, a análise midiática envolve uma complexa estrutura de significados no processo comunicativo. Hall (2003) sugere que tal processo é composto por momentos distintos, mas, interligados, sendo eles: (1) a produção-codificação, com referenciais de sentido próprios na busca por construir uma “leitura preferencial”; (2) a distribuição/circulação da mensagem; (3) e a decodificação/consumo, que também envolve referenciais de sentido, convergentes ou divergentes daqueles que são objetivados no processo de codificação.

Dessa forma, para a análise das narrativas identitárias a partir dos códigos veiculados na mídia impressa brasileira sobre os JOI, enten-

demos que o significado da mensagem não é fixo, é sempre multireferencial.

Vancouver 2010: um palco de dramatizações

A apresentação e análise dos dados foram estruturadas a partir de uma lógica que organiza a discussão do geral para o específico. Assim, esta discussão se inicia a partir da perspectiva canadense para, posteriormente, por meio de aproximações sucessivas, endereçarmos as análises à participação brasileira nos JOI.

De acordo com DaMatta (2006), os atletas dos países esportivamente fracos nos Jogos Olímpicos são importantes pois, ao garantir a universalidade dos Jogos, também garantem a importância das vitórias dos países esportivamente fortes⁴. Assim, era de se esperar alguma atenção, ainda que secundária, da imprensa local para com delegações e atletas de países esportivamente pouco expressivos nos esportes de inverno.

Contudo, o *The Globe and Mail* centrou-se nas conquistas, decepções e dramas em relação aos resultados de atletas que representaram o país da cidade anfitriã; na disputa pelo primeiro lugar no quadro de medalhas – que não é oficial, mas que não tem sido dispensada na cobertura midiática dos Jogos; e na divulgação de histórias “olímpicas” nacionais; e, com efeito, a dimensão festiva nas ruas de Vancouver ganhou caráter confirmatório nas páginas do jornal canadense.

Em reportagem publicada um dia após a cerimônia de abertura, a capa do *The Globe and Mail* anuncia: “A nossa hora de brilhar” (LEDERMAN, 2010, p.8). Esse é um tipo de narrativa “performática” cuja ênfase está nas origens, na tradição. Embora perspectivemos a construção da identidade nacional numa tendência pluralizante no mundo contemporâneo, as narrativas da nação muitas vezes engendram-se pelo viés da unificação, da valorização das raízes, como sugeriu Hall (2006).

No entanto, em meio a tamanho entusiasmo, o jornal canadense teve que noticiar, na mesma página, a morte de um atleta da Geórgia durante treinamento da modalidade luge⁵ horas antes da cerimônia de

4- A afirmação de DaMatta é explicitamente baseada na tese durkheimiana da importância dos devotos para a existência dos deuses.

5- Luge é um modalidade esportiva que consiste na descida de um atleta em alta velocidade em uma pista de gelo, em um pequeno trenó aberto, na posição de decúbito dorsal. É declarado vencer aquele que fizer o percurso em menor tempo.

abertura. A reportagem “Um show ousado e deslumbrante que nos deixou orgulhosos”, narra o “show” da cerimônia de abertura em meio ao luto:

A cerimônia de abertura do Canadá mostrou ao mundo um país que não tem medo de usar o simbolismo no mais elevado nível, diante de uma audiência de milhões [...] misturada com um minuto de silêncio, uma bandeira a meio mastro e uma pequena oração fúnebre, e assim enfrentar a morte de um atleta na manhã daquele mesmo dia [...] (BROWN, 2010, p. A2)

O acidente fatal do atleta Georgiano nos JOI de 2010 é um fato também presente de forma recorrente ao longo da cobertura brasileira. Nota-se, porém, que o emolduramento da mídia brasileira em torno do acontecimento escapa à tensão entre a emoção e a tragédia, e opera a partir de códigos que estão associados, de alguma maneira, ao posicionamento do Brasil em relação a esta edição dos Jogos, ou seja, à lógica organizacional.

Em ambos os jornais (FSP e OG), em notícias relacionadas aos Jogos de Vancouver posteriores à tragédia, mencionou-se os seus desdobramentos e repercussão, sobretudo, em relação às ações do COI e do Comitê Organizador de Vancouver diante do fato, como na narrativa “Morte abala a Olimpíada de Inverno” (MORTE, 2010, p. D1).

As escolhas, representações e posicionamentos a partir da mídia, dos atletas e dos dados advindos do campo compõem um todo articulado de discursos, que foram identificados e postos sob análise nesta investigação.

As narrativas do nacional no contexto dos jogos olímpicos de inverno

Diante de uma cultura midiática que celebra o alto desempenho como valor esportivo (MacNEILL, 2006), e tendo em vista a ausência de atletas brasileiros que permitissem essa vinculação com os Jogos de Inverno, a mídia brasileira elaborou e veiculou construções identitárias que perpassam a dramatização de uma “igualdade” entre o Brasil e os outros países a partir de outros referenciais.

Percebemos que a recente conquista do direito de sediar os Jogos de verão 2016 pela cidade do Rio de Janeiro⁶ influenciou diretamente

6-O anúncio da escolha do Rio como cidade sede dos Jogos de 2016 foi em 2 de

a construção das narrativas do nacional sobre os Jogos de Vancouver 2010. A ênfase no emolduramento organizacional parece configurar-se como o ‘sentido preferencial’ (HALL, 2003) empreendido por ambos os impressos analisados.

Em reportagem publicada no dia da cerimônia de abertura fica evidente o emolduramento da mídia sobre a experiência organizacional: “Brasil vai a Vancouver de olho nos Jogos de 2016” (BRASIL VAI A VANCOUVER, 2010, p.32). No texto, cita-se uma entrevista com o superintendente executivo de esporte do Comitê Olímpico Brasileiro, Sr. Marcus Vinícius Freire, que comentou sobre como a imagem internacional do Brasil mudou porque a cidade do Rio foi escolhida sede dos Jogos de 2016:

A data de 2 de outubro (quando o Rio foi escolhida a cidade sede dos Jogos de Verão de 2016) mudou completamente a visão internacional sobre o Brasil [...] **Nós deixamos de ser vira-latas e viramos Bulldogs franceses**⁷, todo mundo quer. Para Londres 2012, por exemplo, a Inglaterra já se ofereceu para que façamos aclimatação com eles (BRASIL VAI A VANCOUVER, 2010, p.32, grifo nosso).

É possível observar que o superintendente Marcus Freire recupera a imagem do “complexo de vira-lata”, que já foi analisada como uma metáfora da complexidade formativa da identidade nacional brasileira (DaMATTA,2006). Essa expressão, primeiro utilizada pelo jornalista, cronista e autor teatral brasileiro Nelson Rodrigues na década de 1950, tenta ilustrar a forma como os brasileiros veem a si mesmos no mundo e representa, em outras palavras, a metáfora de um complexo de inferioridade. De acordo com DaMatta (2006), trata-se de uma auto-avaliação derrotista que atribui ao Brasil um papel subalterno, por vezes marginalizado e inferiorizado.

Sair da condição de vira-lata à Bulldog francês, na narrativa apresentada, remete à ideia de que competições como os Jogos Olímpicos dramatizam a possibilidade de uma igualdade de condições entre o Brasil e os denominados países desenvolvidos. Todavia, tal dramatização não ocorre a partir da excelência no desempenho esportivo, mas,

outubro de 2009.

7-Grifo nosso

a partir das competências que levaram a cidade brasileira a ser escolhida a sede dos Jogos de 2016.

A tomar como base a metáfora teatral (MacALOON, 1984), podemos afirmar que no palco dos Jogos de Vancouver (cujo cenário é internacional), o Brasil desempenha um novo papel que não mais se restringe à mera participação casual e improvisada – como aquela verificada por Tavares, Soares e Bartholo (2007a) –, mas sim, o de aprender com as experiências do Comitê Organizador de Vancouver na direção de tornar-se um membro proeminente da comunidade olímpica.

Apesar de não terem sido as referências centrais, os atletas foram apresentados pela mídia, sobretudo pelo jornal O Globo, como é possível perceber na reportagem de Bertoldo (2010, p.37): “Brasil pronto para festa de inverno”.

A apresentação de dois atletas, em particular, chama a atenção: Maya Harrison e Jhonathan Longhi. Maya Harrison é apontada como a mais jovem atleta da delegação brasileira (dezessete anos). A narrativa expõe que a “carioca” que foi adotada quando bebê por uma família da Suíça, não fala português, mas está honrada em representar o país na competição. Sobre Jhonathan Longhi, informa-se que ele também não fala português (adotado por família Italiana) e que sua expectativa e meta pessoal é a de estar entre os trinta primeiros colocados no slalom gigante (modalidade de esqui alpino).

O discurso da mídia em relação às participações dos atletas Jhonathan e Maya parece legitimar uma dimensão essencialista (inatista) da identidade nacional, que a priori ampara-se na dimensão jurídica, tendo em vista os critérios de elegibilidade do Comitê Olímpico Internacional. A narrativa não coloca em questão o “ser” brasileiro como a mídia em geral o faz, por exemplo, quando o palco observado é o futebol, ao cobrar dos atletas a postura, a ginga, o futebol-arte “à brasileira” (cf. HELAL, SOARES; LOVISOLO, 2001) como características estruturantes de uma identidade genuinamente nacional.

É, contudo, significativo do processo identitário como um processo de escolhas, como as narrativas podem se inverter. Em “Brasileiro só no sangue” (BRASILEIRO, 2010, p. 27), O Globo apresenta aos brasileiros o patinador Florent Amodio. Um atleta, que nasceu no Ceará, e representou a França nos Jogos de Vancouver. Amodio estava entre

os 24 atletas classificados para a final da patinação artística. Na reportagem, lê-se:

Adotado por franceses ainda criança, em Sobral, no Ceará, Florent Amodio não fala português e só esteve no Brasil uma vez, há três anos. Ao contrário de Jhonathan Longhi e Maya Harrison, ele não compete pelo Brasil nos Jogos Olímpicos de Inverno [...] É representando a França que o patinador de 19 anos tenta um resultado histórico na carreira [...]. Embora seu sangue seja brasileiro, a alma, diz, é francesa (BRASILEIRO, 2010, p. 27).

Em um “palco” plural, global, que reúne tantas dimensões, os atletas, por sua vez, adquirem experiências contingentes. Eles são “atores” sujeitos a um conjunto complexo de relações que impulsionam diferentes formas de apresentar-se, de diferenciar-se.

Em entrevista realizada durante os Jogos de Inverno, ao questionar os atletas sobre o significado de representar o Brasil em Vancouver, nota-se que a noção de representatividade nacional está nitidamente associada ao contexto do evento:

A1 – [...] é muito especial para mim... **carregar o nome do Brasil** no uniforme, ter essa ligação com o meu país em um evento **tão importante e grandioso. É uma experiência única, respirar esse ar olímpico e simbolizar toda a luta e garra que o povo brasileiro tem, de superação e tudo mais [...]** (grifos nossos).

A2 – Acho que o sonho de todo mundo é fazer [...], o esporte que você escolheu e **representar sua nação fora [...]** **ainda mais nos Jogos Olímpicos [...]** **as outras nações conhecendo a gente [...]**, **você coloca a sua nação entre os grandes, entre os melhores [...]** (grifos nossos).

Percebe-se nas falas de A1 e A2, que ambos constroem discursos metonímicos, identificando-se com o papel de representantes da nação e seus atributos, embora se manifestem a partir de diferentes perspectivas. A superação de adversidades longe do domínio da “casa”; a rua como um domínio de “lutas” (DaMATTA, 1997). Assim, A1 parece

manifestar mais diretamente em sua fala o seu papel nos JOI com a ideia de simbolizar aspectos relativos a um tipo de construção identitária, o que nos leva a inferir que os JOI possam representar o domínio da “rua”, se redimensionarmos essa perspectiva à gramática esportiva brasileira.

Por outro lado, A2 percebe na questão da representatividade, uma maneira de mudar a posição do Brasil em relação a outras nações, colocá-la “entre as grandes”, o que, de certa forma, implica em “dramatizar” uma igualdade, mesmo que temporária. De certa forma, reconhece-se que fora daquele “palco” vive-se uma realidade social de hierarquias entre culturas e povos, ao passo que se vislumbra que nos Jogos Olímpicos tais hierarquias sejam sublimadas.

Os atletas brasileiros investigados parecem incorporar certa expectativa moral positiva em torno do seu “papel” nos JOI:

A1 – Eu quero passar para as pessoas que nada é impossível, que quando você coloca seu coração naquilo que você quer com **dedicação e força de vontade** é possível realizar seu sonho, essa coisa de ter garra, e **muita fé** [...] penso em inspirar os mais jovens, **essa coisa de sair do Brasil e de mostrar a nossa força para os outros**, de conhecer outras possibilidades [...] (grifos nossos).

A2 – [...] Uma imagem assim de alguém que teve um sonho e foi atrás desse sonho [...] **eu quero deixar o meu exemplo dentro do esporte**, acho que isso pode ser realizado por qualquer pessoa naquilo que for, em qualquer profissão, qualquer sonho de vida. (grifos nossos).

Fundamentando-se em DaMatta (1997), é possível dizer que os atletas constroem esferas de sentido que constituem a própria realidade e que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias. Neste contexto, a ‘luta’ para viabilizar o ‘sonho’, acontece no plano da ‘rua’, no âmbito das relações institucionalizadas, padronizadas e normatizadas do esporte olímpico e, no caso, fora do Brasil. Podemos supor que a consciência da inferioridade técnica é englobada pela “muita fé” que ajuda a driblar as dificuldades e dar um sentido àquele sacrifício.

Se, como ensinou Durkheim, ao sacrifício se relaciona uma expectativa de recompensa que lhe dá sentido e aceitabilidade, esta visão de participação nos Jogos de Inverno como luta, aprendizado e sacrifício

para e por estar lá ganha sentido pela expectativa de aceitação e respeitabilidade:

A2 – [...] **o Brasil já não é mais tão novidade** quando participa das competições internacionais, inclusive os Jogos Olímpicos de Inverno. Não é mais... **não comparam mais a gente ao “Jamaica Abaixo de Zero”**⁸ como muita gente fazia no começo, já veem que a gente está se estruturando, a gente está se preparando para competir [...] (grifos nossos).

Todavia, na dimensão etnográfica da pesquisa, foi possível observar um contraponto em relação ao possível “estranhamento” que a participação de brasileiros nos Jogos de Inverno pode provocar. Enquanto circulava como pesquisadora pelo local de competição a fim de observar as reações e atitudes do público, portava uma bandeira brasileira para facilitar a identificação para os atletas – com os quais não houve contato pessoal prévio –, e realizar as entrevistas. Uma das reações do público em relação a isso chamou a atenção. Uma pessoa que transitava pelo local perguntou: “Por que você está carregando uma bandeira?”

Embora os atletas relatem que sua participação “já não é mais tão novidade” ou que não se trate de uma “aberração”, a reação e atitude do público dá indícios de que remanesce um estranhamento. Nesse sentido, a relação dos atletas com o público olímpico é um fator a destacar.

O público tem sido convidado a participar dos JO de forma cada vez mais direta, nas cerimônias de abertura e encerramento e também nas arenas de disputa (MacALOON, 1984). O que se percebe é que essa participação ocorre de maneira organizada. Prima-se desde o que é permitido levar para as arenas, ao momento de manifestar-se e como fazê-lo.

O aplauso geral para atletas disputando as últimas posições apresenta-se como uma celebração coletiva, em contraste com “a habitual rivalidade e as palavras de ordem de torcidas e equipes de diferentes países que normalmente lotam as competições em geral” como indica MacNeill (2006, p. 21), concretizando o chamado “espírito Olímpico”.

8- Filme sobre equipe de bobsled jamaicana que adaptava seus treinamentos para competir.

Quando consideramos as formas de expressão da coletividade brasileira, percebemos a notável oscilação nos discursos dos atletas no que se refere ao Brasil-Nação (que tem representatividade nacional nos JOI organizada), com a definição do país que representam como sociedade:

A1 – É um país alegre, que as pessoas trabalham muito, mesmo com toda dificuldade estão com um sorriso no rosto.

A2 – O Brasil é maravilhoso! As pessoas são muito alegres, um clima muito alegre, um povo que conquista a simpatia do resto do mundo. Quando estou fora eu sinto falta de tudo, sinto saudade de casa, sinto falta de me sentir em casa, até dos vegetais que eu como [...] do convívio com as pessoas que é mais alegre, sem ser tudo muito formal [...]

Os discursos de A1 e A2 enfatizam na apresentação do Brasil a alegria, a simpatia como formas de expressão da coletividade. É interessante notar, como nos aponta DaMatta (1997), que o simbolismo da alegria como um sentimento representativo do que é o brasileiro, de virtudes cordiais (como a simpatia, a lealdade pessoal e a hospitalidade) que glorificam tal estilo de vida, valorizam aspectos aprendidos na intimidade, aprendidos em casa e na família.

Sintomaticamente, um dos atletas faz referência também ao “sentir-se em casa” confirmando, de alguma maneira, a tendência à informalidade verificada em análises clássicas das formas de sociabilidade da sociedade brasileira, como a do “homem cordial” (HOLANDA, 1995), e a preferência pelo relacionar-se como “pessoas” e não como “indivíduos”, como indica DaMatta (1997), parecem ser ainda bastante pertinentes.

Diante de uma delegação tão pequena e esportivamente falando “fraca”, para a imprensa e dirigentes, a única possibilidade de uma narrativa afirmativa das qualidades do nacional residia na snowboarder Isabel Clark. Seu nono lugar alcançado nos Jogos de Turim 2006), de alguma forma, tirou da condição de “nula” a expectativa por resultados dos brasileiros em 2010:

Há quatro anos atrás, nos Jogos de Inverno de Turim, a carioca Isabel Clark surpreendeu o mundo quando ficou em nono no

snowboarding – o melhor resultado brasileiro da história nessa competição. Agora, nos Jogos de Vancouver, o Brasil terá metade das chances de conseguir um bom resultado [...] (BERTOLDO, 2009, p. 49).

O resultado de Isabel em Turim além de mobilizar uma maior atenção da mídia para com os atletas brasileiros em 2010 parece ter conferido um sentido próprio de respeitabilidade aos representantes brasileiros como um todo:

A1 – Acho que o resultado da Isabel em Turim rendeu um interesse muito grande da mídia brasileira e isso é bom para o esporte como um todo [...] **a gente alcançou um respeito, também em relação a desempenho, em relação ao que a gente está fazendo aqui, e a nossa resposta foi na pista [...] Ninguém está aqui à toa, para ser visto como uma aberração**, a gente trabalha duro e é bom ser reconhecido por isso [...] (grifos nossos)

Conclusões

Observa-se que o conjunto de narrativas discutidas nesta análise está inserido em um todo complexo que perpassa a configuração dos gêneros performativos dos Jogos Olímpicos. Nesse sentido, em uma perspectiva analítica de tais gêneros, podemos inferir, a partir das narrativas midiáticas, que os Jogos de Inverno para o Brasil caracterizou-se um rito (de passagem) que perpassa a imagem “do país do futuro” para “país desenvolvido”. Decorrente dessa dramatização o ambiente do festival parece se constituir como uma celebração do país que, quem sabe (como propõe as narrativas analisadas), deixou de ser ‘vira-lata’ e passou a ser ‘Bulldog Francês’.

As relações entre as narrativas da identidade brasileira, identificadas e analisadas a partir dos Jogos de Vancouver, apontaram para dois principais eixos de discussão: os Jogos Olímpicos como um palco no qual se engendram jogos de identidade, oscilações estruturais de identificações; e como palco para dramatizações.

A caracterização dos JOI como um performance cultural e, ao mesmo tempo, como um contexto de alteridade radical para o brasileiro, compõem a estrutura de um mesmo palco, o qual acomoda e fa-

vorece a oscilação estrutural das identidades, ou seja, o jogo de identidades, a escolha e a disputa de representações.

No ambiente de excelência e tecnologia do esporte de alto rendimento, as elaborações sobre o Brasil (engendradas pelos atletas) estão atreladas ao polo tradicional do sistema (o “carisma”, a “simpatia”). Por outro lado, tendo em vista o tamanho e a qualidade da equipe brasileira, a mídia nacional enfatizou a obtenção do direito de sediar os Jogos de 2016 pela cidade do Rio de Janeiro, dramatizando uma relação de igualdade do Brasil com os outros países que não se dá como sempre se deu, pelo fenômeno da participação (o importante é participar!). Com isso, centralizou-se o sentido da participação brasileira nos JOI não mais sobre a “mera” participação dos atletas – que legitima a excelência dos “outros” –, mas, sobre o viés da experiência organizacional para autoridades políticas e do esporte.

Nesse sentido, o “bom” e/ou “mau” exemplo de Vancouver, no emolduramento da mídia brasileira, estão vinculados aos sucessos e insucessos organizacionais, operacionais, logísticos, que o Brasil – por meio de suas autoridades representantes – teve a chance de observar. Sendo assim, importa não apenas sediar os Jogos, mas nota-se que o Brasil-Nação - por meio dos discursos analisados nesse estudo - investe em uma narrativa que dramatiza um país moderno, tecnológico e, portanto, preparado para sediar os Jogos Olímpicos de 2016 com sucesso.

BRAZIL IN THE VANCOUVER 2010 WINTER OLYMPIC GAMES: A SOCIAL DRAMA STAGE

Abstract

The interconnection between sport and media is part of this study’s aim which is to analyze narratives surrounding Brazilian participation in the context of a sport mega event: the Olympic Winter Games of Vancouver 2010. The question running through this research involves: print media narratives; Brazilian athletes’ discourses, and the audience’s attitudes and reactions to the athletes’ participation at the Games. The main finding is that in the Winter Olympic Games, understood as a stage drama, identity ‘interplays’ and also structural fluctuations (individual, nation and humanity) are engendered in the discourses surrounding the Brazilian participation at the Games.

Keywords: Ethnography. Communication. Athletes.

BRASIL IN LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE INVIERNO VANCOUVER 2010: UN PALCO DE DRAMATIZACIONES SOCIALES

Resumen

La interconexión entre el deporte y los medios de comunicación es un elemento constitutivo del interés general de este estudio para analizar las narrativas de la identidad brasileña en el contexto de un mega evento deportivo: los Juegos Olímpicos de Invierno (JOI) de Vancouver 2010. La pregunta que atraviesa esta investigación abarca: narrativas de la prensa escrita; el discurso de los atletas brasileños; y las actitudes y reacciones de la audiencia. Se encontró que los Juegos Olímpicos son como un drama en que juegos de identidad y fluctuaciones estructurales (individuales, nacionales y humanas) son engendrados.

Palabras clave: Etnografía. Comunicación. Atletas.

Referências

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1983.

BERTOLDO, S. A cara do Brasil no snowboard: Com melhores resultados da carreira este ano, Isabel Clark é esperança nas Olimpíadas de Inverno. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 nov. 2009, Caderno Esportes, p.49.

_____. Brasil pronto para festa de inverno: Jaqueline Mourão e Leandro Ribela serão os primeiros a estrear nas Olimpíadas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 7 fev. 2010, Caderno Esportes, p.37.

BRASIL VAI A VANCOUVER de Olho nos Jogos de 2010: País usará as Olimpíadas, que começam hoje, para troca de experiências. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 32, 12 fev. 2010.

BRASILEIRO só no Sangue. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 27, 18 fev, 2010.

BROWN, I. Um show ousado e deslumbrante que nos deixou orgulhosos. **The Globe and Mail**, Vancouver, p.A2, 14 fev. 2010.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Em Torno da Dialética entre Igualdade e Hierarquia: Notas sobre as Imagens e Representações dos Jogos Olímpicos e do Futebol no Brasil. **Antropolítica** (UFF), Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEDERMAN, M. Our shining hour. **The Globe and Mail**. Vancouver, p. 8, 13 fev. 2010.

MacALOON, J. Olympic Games and the theory of Spectacle. In: _____. (Org.) **Rite, drama, festival, spectacle: rehearsals toward a theory of cultural performance**. Philadelphia: Institute for the study of Human Issues, 1984. p. 241-280.

MacNEILL, Margaret. Estudos de Mídia do esporte e a (re)produção de identidades. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 9-38, set., 2006.

MORTE Abala Olimpíada de Inverno. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 fev. 2010. Caderno Esportes, p. D1.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

TAVARES, O.; SOARES, A. J. G.; BARTHOLO, T. L. “Frozen bananas”: Esporte, mídia e identidade brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 193-208, set., 2007a.

_____. Sports, Media and Brazilian Identity in the Winter Olympic Games (2002-2006). In: INTERNATIONAL ISSA & ISHPES CON-

GRESS: Sport in a global world. Past, present, future, 2007, Copenhagen. **Anais...** Copenhagen: [s. n.], 2007b. p. 115-115.

TAVARES, O. Megaeventos esportivos. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.3, p.11-35, jul./set., 2011.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Recebido em: 12/10/2012

Revisado em: 18/04/2013

Aprovado em: 06/05/2013

Endereço para correspondência

tavaresotavio@yahoo.com.br

Otavio Guimarães Tavares da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos,

Departamento de Ginástica.

Avenida Fernando Ferrari, 514

Goiabeiras

29075-910 - Vitória, ES - Brasil